

OS PERVERSOS E AS POETISAS: LITERATURA DE SODOMA E ARREDORES

THE PERVERTS AND THE POETESSES: THE LITERATURE
OF SODOM AND ITS ENVIRONS

ANNA M. KLOBUCKA¹

1 É mestre em Estudos Ibéricos pela Universidade de Varsóvia (Polônia) e PhD em Línguas e Literaturas Românicas pela Universidade Harvard (1993). Lecionou na Universidade do Estado de Ohio e na Universidade da Georgia antes de se transferir para a Universidade de Massachusetts (Dartmouth), em 2001.

Resumo: Este artigo procura reexaminar a participação de Judith Teixeira no episódio histórico da “Literatura de Sodoma”, com recurso a uma contextualização alargada da sua estreia poética e do lançamento de *Decadência*. Argumento que uma compreensão mais completa e matizada dos eventos de 1922-1923 no que diz respeito a Teixeira deverá levar em conta a sua inserção em dois conjuntos distintos, mas, através dela, relacionados de agentes socioculturais: os “perversos” (masculinos) do campo modernista português e as “poetisas”, cuja emergência robusta no mercado literário dos inícios da década de 1920 formava o contexto incontornável da estreia da autora de *Decadência*.

Palavras-chave: Judith Teixeira, Literatura de Sodoma, dissidência sexual, poesia de autoria feminina

Abstract: This article seeks to reexamine Judith Teixeira's participation in the historical episode known as the "Literature of Sodom" resorting to an extended contextualization of her poetic debut and the launching of *Decadência*. I argue that a more complete and nuanced understanding of the 1922-23 events regarding Teixeira must consider her insertion into two distinct collectives of sociocultural agents but connected by her agency: the (male) "perverts" of the Portuguese modernism and the "poetesses," whose robust emergence in the literary marketplace of the early 1920s formed the inescapable context for the debut of the author of *Decadência*.

Keywords: Judith Teixeira, Literature of Sodom, sexual dissidence, women's poetry

No seu artigo pioneiro, publicado em 2003, sobre a série de eventos cujo centenário este dossiê especial comemora, Mário César Lugarinho observou tratar-se de um “episódio [...] esquecido” da História portuguesa (LUGARINHO, 2003, p. 134). Vinte anos depois, este diagnóstico felizmente não se aplica mais: nas décadas intervenientes surgiram numerosas publicações, quer recuperando e reunindo o acervo documental da polémica, quer sujeitando este acervo, agora mais facilmente acessível, a análises que têm lançado luz sobre as políticas do género e da dissidência sexual no período da Primeira República e no âmbito do movimento modernista português.

Ao mesmo tempo, porém, a afirmação de Lugarinho, no artigo citado, de que o apagamento do episódio do registro canónico da história literária portuguesa podia ser atribuído em parte aos “aspectos contraditórios que o envolvem” (LUGARINHO, 2003, p. 141) continua válida, uma vez que a macronarrativa dos eventos decorridos entre o verão de 1922 e a primavera de 1923 e associáveis à designação de “Literatura de Sodoma” não parece ter se estabilizado inteiramente no que diz respeito à interpretação histórica dos seus significados. O presente artigo procurará reexaminar, em particular, a participação de Judith Teixeira no escândalo dos “livros imorais”, recontextualizando, porém, o enredo do seu protagonismo com referência a um panorama literário e cultural mais amplo da época e atendendo, de forma

necessariamente seletiva e resumida, à rede complexa das identificações e desidentificações, afirmações e negações, alianças e clivagens relacionadas às dissidências e conformismos de gênero/sexualidade e situáveis, de algum modo, na órbita da polémica.

1 “IRMÃOS EM DECADÊNCIA”

Quando em julho de 1922 Fernando Pessoa deu a primeira salva no que viria a ser designado como a polémica sobre a Literatura de Sodoma, publicando no terceiro número da revista *Contemporânea* o ensaio “António Botto e o ideal estético em Portugal”, o nome de Judith Teixeira (1880-1959) não era ainda largamente conhecido do público leitor português ou lisboeta.² Os seus poucos textos literários publicados antes dos meados de 1922 apareceram na imprensa (*Jornal da Tarde* e *Diário de Lisboa*) sob o pseudónimo Lena de Valois, e é este ainda o nome referido nos dois artigos não assinados sobre a autora que aparecem em janeiro de 1922, respetivamente n’*A Capital* (a 7/1) e na *Ilustração portuguesa* (a 21/1).³ A circuns-

2 Sobre o papel de Pessoa como o “arquiteto da Literatura de Sodoma”, ver Klobucka (2017). As compilações mais abrangentes da documentação relativa à polémica encontram-se em Botto (2010) e Gonçalves (2014). Ver também Curopos (2019).

3 “Lena de Valois”, *A Capital*, 7 jan. 1922, p. 1; “Interiores de arte. A casa de Lena de Valois”, *Ilustração portuguesa*, 21 jan. 1922, p. 65. O volume de *Poesia e prosa* de Judith Teixeira, editado em 2015 por Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, inclui vários poemas esparsos e inéditos da autora (estes últimos provenientes de um caderno manuscrito adquirido em 1997 por Pazos Alonso), mas não os dois contos publicados no *Jornal*

tância de ambos os artigos surgirem na mesma altura e de relatarem uma visita à casa de Teixeira (casada desde 1914, em segundas núpcias, com advogado e industrial Álvaro Teixeira) sugere uma iniciativa de autopromoção da parte da anfitriã, ligada à sessão de leitura pública da sua (perdida) peça de teatro, intitulada *Sulcos*, que se torna o foco principal do artigo d’*A Capital* e é mencionada também no texto da *Ilustração portuguesa*, este último concentrando-se, porém, em comentar a opulência elegante da residência do casal Teixeira, um palacete na Avenida Augusto de Aguiar. Não sabemos que personalidades se encontravam na assistência que, segundo o relato elogioso d’*A Capital*, recebeu a leitura de *Sulcos* com admiração e entusiasmo, nem se alguma delas fazia parte do coletivo (liderado por José Pacheco) que pouco depois, em maio de 1922, (re)lançaria a *Contemporânea*, mas é certo que já no segundo número da revista é publicado um poema de Teixeira (“Fim”), este assinado já com o seu próprio nome; o poema destaca-se, aliás, como o primeiro texto de autoria feminina incluído na série principal (1922-1924) da *Contemporânea*.⁴ Desta

da *Tarde* em 1918 e 1919 (“Almas simples (Fé)” e “Lali”). Estes últimos encontram-se, porém, transcritos na tese de mestrado de Martim de Gouveia e Sousa dedicada a Judith Teixeira (GOUVEIA E SOUSA, 2001, p. 132-135).

4 O número espécime da *Contemporânea*, lançado em 1915, incluía uma “secção feminina” dirigida por Albertina Paraíso, opção que não se repete nos anos vinte. No entanto, depois da inauguração do espaço de autoria feminina na revista por Teixeira, todos os números seguintes da série principal incluem colaboração, em forma de texto e/ou imagem, assinada por mulheres, o que não era propriamente uma norma na época, fora do setor distinto da imprensa feminina. De facto, segundo Ricardo Marques, “Se por um lado é a mulher a figura mais retratada na ilustração incluída

maneira, é também já nos primeiros dois números da revista renascida que se juntam os futuros protagonistas do escândalo à volta dos seus “livros imorais”: Teixeira, António Botto (no primeiro número, com o poema “Podes levar as rosas que trouxeste...”) e Raul Leal, no segundo número, com um texto em prosa que se insere na polémica à volta da Sociedade Nacional de Belas Artes (MARQUES, s.d.). Se, como é muito bem sabido, a passagem meteórica de Judith Teixeira pelo meio literário e cultural dos anos 1920 em Portugal acabaria numa exclusão e silenciamento quase absolutos, os marcos que deixou neste meio ao longo do ano de 1922 não permitem antever ainda o desfecho do percurso: pelo contrário, trata-se de uma trajetória em ascensão, definida pelo reconhecimento crescente e prestigioso. De facto, com a publicação do seu segundo poema na *Contemporânea* (“O meu chinês”, em dezembro de 1922), Teixeira torna-se a colaboradora literária com a presença mais ampla na revista,⁵ somente igualada mais tarde por Virgínia Victorino – a poetisa portuguesa mais aclamada nos anos 1920 – quando esta também se verá publicada pela segun-

na revista, também é à mulher que cabe um papel importante enquanto articulista e colaboradora activa” (MARQUES, s.d.).

5 No espólio de José Pacheco encontra-se um exemplar de *Decadência* com a dedicação da autora, datada de 16 de fevereiro de 1923 (“Ao Meu Querido Amigo e illustre diretor da ‘Contemporânea’, com o maior apreço. À sua inteligência e ao seu talento / Judith Teixeira”), confirmando a existência de uma relação de proximidade entre Pacheco e Teixeira. Agradeço esta informação e o envio da imagem da dedicatória a Ricardo Marques.

da vez, no número de março de 1924.⁶ Embora no caderno manuscrito que reúne a produção poética de Teixeira datada de 1922, e que contém poemas posteriormente vindos a lume juntamente com fragmentos e rascunhos que permaneceram inéditos até 2015, se encontrem uns poucos traços da sua convivência com outras escritoras da época – esboços de dedicatórias que Cláudia Pazos Alonso identifica como dirigidas a Maria Isabel Gamito e (possivelmente) Cacilda de Castro (TEIXEIRA, 2015, p. 213-214) – a sua comunidade literária de eleição, anunciada num outro inédito do mesmo caderno, define-se antes pela ideia da dissidência, e não da conformidade, de género:

Ergo-me
Para viver enfim
[...]
Levando imagens lúcidas no coração
Perfis sadios de recorte viril
Elevar num élan mais forte
O meu espírito [vivo?] e varonil

Oh! poetas da minha raça
Meus irmãos na decadência
Sacudi o falso manto da prudência
Cantai comigo uma marcha rubra e triunfal
A luz e a cor
A rubra verdade da verdade do amor
(TEIXEIRA, 2015, p. 243).

6 Apenas a artista plástica Milly Possoz terá uma colaboração mais robusta na *Contemporânea*, com três trabalhos de imagem publicados na série principal da revista, todos ao longo do ano 1922.

Incompleto e excluído de *Decadência*, o primeiro livro de poesia de Teixeira, lançado nos meados de fevereiro de 1923 e logo sujeito à campanha de ódio e repressão movida pela recém-constituída Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa em colaboração estreita com o Governo Civil da capital, o esboço ostenta, porém, a palavra-chave que daria o título ao volume. Ao mesmo tempo, associa a ideia da decadência tanto à constituição de uma comunidade de expressão (“Poetas da minha raça / meus irmãos”) como à circunstância de esta expressão se definir pelo afastamento do “falso manto da prudência” e pela afirmação da “verdade do amor” – critérios aplicáveis mais claramente à poesia assertivamente homoerótica das *Canções* de António Botto, lançadas em 1921 e relançadas numa edição da Olisipo de Pessoa no outono de 1922, mas também ao discurso poético lesboerótico da própria autora, que *Decadência* revelará pela primeira vez.⁷ Já em 1922, portanto, Teixeira ensaia um posicionamento que frutificará quatro anos mais tarde – depois da reprise da campanha de ódio de 1923 na recepção do volume *Nua. Poemas de Bizâncio* que lança em 1926 – na conferência “De mim”, em que a autora diagnostica e acentua o “desacordo entre mim e a *Maioria*” (TEIXEIRA, 2015, p. 282) e, deste modo, definindo-se implicitamente como um sujeito minori-

7 Para uma apresentação global, por Cláudia Pazos Alonso, do caderno dos inéditos, na qual a investigadora também se debruça mais particularmente sobre o poema incompleto aqui citado, ver Teixeira (2015, p. 205-214).

tário, assume “o caráter político da sua própria posição” (CASCAIS, 2017, p. 96). Não cabendo nos limites deste artigo uma prospecção alargada da imbricação entre os significados e os usos políticos e estéticos, muitas vezes ligados intimamente à esfera de gênero e sexualidade, da noção da decadência na cultura portuguesa dos finais do século XIX e das primeiras décadas do século XX, observe-se apenas que, elegendo *Decadência* para o título da sua estreia em livro, Teixeira atribui ao termo um peso simbólico comparável ao que ele adquire no manifesto de Luís de Montalvor, “Tentativa de um ensaio sobre a decadência” (1916), colocado na abertura do número primeiro e único da sua revista *Centauro*:

Ah! ser-se decadente é ser-se lindo de gestos, é ser-se debil e femininamente o sistema nervoso de todas as sensações, de todas as emoções, de todos os pensamentos, de todas as inferioridades, de todas as grandezas, de todas as imoralidades, de todos os ascetismos, da convulsão espasmódica e mediúmnica do nosso século!

É ser-se, emfim, andrógino e equívoco de qualquer maneira. É ser-se, emfim, todos sem ser o que todos são, que é o que é superior ao que são todos... (MONTALVOR, 1982, p. 11-12).

Ao mesmo tempo, porém, podemos observar que a não inclusão do rascunho em que esta palavra-chave – que não se encontra glosada, aliás, em nenhum poema de *Decadência*, aparecendo apenas no título “Perfis decadentes” – assume claramente a valência

política de um farol comunitário, de certa forma antecipa o que efetivamente viria a acontecer após o lançamento do volume e nos anos seguintes. A comunidade simbólica dos “irmãos em decadência” a quem Teixeira se associava poeticamente e, tanto quanto se saiba, socialmente (no mínimo Botto, caracterizado como amigo num outro poema inédito da autora, frequentava o seu salão) não lhe valeu, pelo menos em foro público, como uma comunidade de acolhimento e resistência política.⁸ Como bem resume António Fernando Cascais, “a primeira grande diferença de Judith Teixeira em relação aos seus congêneres é o não ter tido ninguém por ela... [...] Como Pessoa, Leal e Botto, teve inimigos, mas, quanto a defensores, teve-se a si mesma” (CASCAIS, 2017, p. 94).

Quando o debate ao qual o artigo epónimo de Álvaro Maia, publicado em outubro de 1922 na *Contemporânea* em resposta ao ensaio de Pessoa sobre Botto, deu o nome de “Literatura de Sodoma” (GONÇALVES, 2004, p. 66-80) extravasou das páginas da imprensa para os espaços públicos de Lisboa em resultado da mobilização reacionária da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa (formada numa reunião de 19 de fevereiro). Foram três e quase simultâneos os eventos que estimularam de forma imediata a constituição da Liga. Primeiro, no dia 14 de fevereiro, o julgamento de 16

8 “Ao meu amigo António Botto” (TEIXEIRA, 2015, p. 232-233). Numa carta a Adriano del Valle, datada de 31 de agosto de 1923, Pessoa menciona que Botto encontrou o poeta espanhol Lasso de la Vega “em casa da senhora D. Judith Teixeira” (PESSOA, 1999, p. 19).

ou 18 homens travestidos, presos num baile de Carnaval no bairro da Graça no sábado anterior; a seguir, por volta de 16 de fevereiro, a chegada às livrarias de *Decadência* (noticiada nessa data no *Diário de Lisboa*) (TEIXEIRA, 1996, p. 230); e, também na terceira semana de fevereiro, o lançamento de *Sodoma divinizada* de Leal pela editora de Pessoa, no seguimento da recusa de José Pacheco de publicar o texto na *Contemporânea* (ZENITH, 2021, p. 624). Apenas este último evento, portanto, cabia nos parâmetros do debate lançado inicialmente e estimulado de forma contínua por Pessoa, cuja argumentação sobre o “ideal estético” representado pelas *Canções* de Botto dificilmente poderia ser revista para abranger o sujeito feminino e bissexual da *Decadência* de Teixeira e a sua exaltação erotizada do corpo também feminino (de acordo com o ensaio de Pessoa, “Como se guia, pois, só pela beleza, o esteta canta de preferência o corpo masculino, por ser o corpo humano que mais elementos de beleza, dos poucos que há, pode acumular”) (GONÇALVES, 2014, p. 61). É notória, aliás, a recusa epistémica incondicional do fenómeno Teixeira que Pessoa formulou um ano depois dos acontecimentos de 1923, numa carta a Adriano del Valle em que, discorrendo sobre as hierarquias do valor literário, declarou “não pens[ar], de todo, na Judith Teixeira, que não tem lugar, abstracta e absolutamente falando” (PES- SOA, 1999, p. 40). De facto, o único sinal conhecido da inclusão de Teixeira nas ações de resistência que

se seguiram à apreensão dos “livros imorais” consta do registo dos destinatários a quem Pessoa teria enviado, em maio de 1923, os panfletos que ele próprio e Raul Leal lançaram desde março: “Aviso por causa da moral” (assinado por Álvaro de Campos) e “Sobre um manifesto de estudantes” de Pessoa, mais “Uma lição de moral aos estudantes de Lisboa e o descaramento da Igreja Católica” de Leal (BARRETO, 2016, p. 629). Entre os 205 nomes que aparecem nas listas elaboradas por Pessoa e preservadas no seu espólio aparecem “os mais destacados médicos e psiquiatras do país” juntamente com “numerosos escritores, artistas, professores, cientistas, jornalistas, deputados, políticos, engenheiros, advogados, historiadores, oficiais do Exército e da Armada, altos funcionários, etc.” (BARRETO, 2016, p. 629-630), verificando-se, no entanto, uma exclusão completa de personalidades femininas (nos anos 1920 já bem representadas entre pelo menos algumas destas ocupações), com uma única exceção: a de Judith Teixeira. Desta maneira, Pessoa reconhecia, pelo menos, o direito de Teixeira de ser leitora dos discursos de resistência que implicitamente incluíam também a ela, embora nenhum dos panfletos mencionasse o seu nome nem o destino sofrido por *Decadência*.⁹

9 Muito mais tarde, Teixeira seria também a única mulher incluída na *Antologia de poemas portugueses modernos*, organizada por Pessoa e Botto, mas publicada somente em 1944, nove anos depois da morte de Pessoa (PAZOS-ALONSO, 2011, p. 123).

Se o lançamento de *Decadência* não se encaixava nos limites do debate lançado por Pessoa em julho de 1922, o terceiro dos eventos decorridos na mesma semana de fevereiro – o julgamento, na terça-feira, após a sua detenção no sábado, dos 16 ou 18 “homens que se vestiram de mulher” (*Diário de Lisboa*, 14 de fev 1923, p. 8) – tampouco figurava no seu horizonte.¹⁰ E no entanto, foi justamente a convergência destes alvos distintos que orientou a campanha reacionária iniciada poucos dias depois, segundo se depreende das declarações do líder da Liga, Pedro Theotónio Pereira, ao jornal *A Época*, nas quais promete “meter na ordem”, de forma indiscriminada, “meninos desavergonhados que frequentam clubes e baile duvidoso e que, num dia de Carnaval, foram presos na Graça [...] por andarem vestidos de mulher”, juntamente com “os artistas decadentes, os poetas de Sodoma, os editores, autores e vendedores de livros imorais [...]” (GONÇALVES, 2014, p. 108). Já do lado dos agredidos, e dentro do registo histórico atualmente disponível, conhece-se um único depoimento que aborda – e rejeita – a convergência enunciada por Pereira: trata-se do panfleto de Raul Leal, anteriormente citado, em que o autor de *Sodoma divinizada* efetivamente tira o tapete aos travestis julgados e condenados pelo Governo Civil:

10 *Diário de Lisboa* menciona 16 julgados, ao passo que o número que aparece na notícia d'*A Capital* é 18.

Que cousas como o célebre Baile da Graça merecem a mais profunda repulsa, não resta dúvida. Se eu lá tivesse ido – que não fui – seria apenas para estudar a psicologia daquelas alminhas abjectas, sem me misturar a semelhante patamaceira [*sic*]. Esses tipos é que desacreditam o vício, sentindo-o só à flor da pele, não lhe dando alma, expressão, e procurando depravá-lo com atitudes propositadamente reles onde não se encontra a mínima beleza. São ignóbeis... (GONÇALVES, 2014, p. 129).

A cobertura noticiosa completa do julgamento não foi ainda catalogada em nenhum trabalho de investigação, mas é fácil ler o que escreveram sobre o evento os dois jornais lisboetas da época que se encontram digitalizados, *A Capital* e *Diário de Lisboa*. Realçando, num tom que oscila entre chacota e repulsa, o facto de os homens, mantidos presos desde o sábado do baile até ao julgamento na terça-feira, terem aparecido no tribunal dos pequenos delitos ainda “rigorosamente trajados de senhora”. Ambas as notícias citam também, no entanto, a intervenção de um dos julgados após o anúncio da sentença (uma multa de 160 escudos, num caso – “por [o réu] trocar o nome” – aumentada para 180 escudos). Transcrevo a seguir os respetivos relatos:

Um dos réus, ao ouvir ler a sentença, exclamou, irado: — Eu cá não pago sem que v. ex. me mande fazer um exame, pois desejo sair daqui com honra... Uma franca gargalhada do público sublinhou tal declaração, limitando-se o juiz a responder:

— Reclame esse exame no Instituto de Medicina Legal e não aqui... (*A Capital*, 14 de fev 1923, p. 2)

Na altura da sentença, um deles protesta em voz galante:

— Sr. juiz! Eu não pago a multa. Vou nomear advogado... Quero sair daqui com honra...

— Honra? Para isso é melhor recorrer ao Instituto de Medicina Legal.

É sobre esta frase terminou o julgamento (*Diário de Lisboa*, 14 de fev 1923, p. 8).¹¹

O teor discursivo das duas notícias deixa claro que o que levou ambos os jornalistas a citarem este episódio era a sua apreciação partilhada pela capacidade humorística do juiz em negar ao réu anónimo a representação legal ou direito de registrar a sua própria versão dos eventos, remetendo a sua opção por uma fantasia feminina num baile de Carnaval para o foro da perversão criminosa e doença mental. Mas, mau grado a intencionalidade inequivocamente homo/transfóbica tanto do juiz como dos jornalistas, o gesto de resistência do homem condenado foi registado para a posteridade, assim como o gesto da desidentificação da expressão de género realizada pelos travestis da Graça que se deve ao autor de *Sodoma divinizada*. Até que ponto esta última opção – que abrange também a denúncia dos locais parisienses de convívio *queer* (“Os subterrâneos do Olympia, certas bambochatas do Moulin Rouge, o Bal Tabarin, o Palmyro e outros

11 A grafia de todas as citações das fontes primárias da época foi atualizada.

lugares semelhantes sempre me causaram o mais profundo asco”; GONÇALVES, 2014, p. 129) – poderá ser relacionada com a recusa de defender a expressão feminina e sexualmente dissidente de Judith Teixeira é uma questão que não poderá ser aqui aprofundada, ficando porém sugerida a sua pertinência.

2 POETISAS, AS OUTRAS

Na mesma altura dos meados de fevereiro de 1923 – mais precisamente, no dia 15 – ocorreu em Lisboa outro evento posteriormente registrado pela história literária, embora nunca (que me conste) relacionado hermeneuticamente com os acontecimentos paralelos da Literatura de Sodoma. Trata-se da conferência “Nós outras, as poetisas...”, apresentada por Branca de Gonta Colaço no Salão Nobre do Teatro Nacional, que inaugurou uma série de palestras destinada a beneficiar a publicação de uma antologia luso-brasileira na Alemanha, projeto de Luise Ey, estudiosa e promotora dos estudos portugueses no seu país (MONCÓVIO, 2017). Gonta Colaço, filha do poeta e político oitocentista Tomás Ribeiro, publicava livros de poesia desde 1907 e era amiga de várias outras intelectuais da época, assim como mentora de algumas das poetisas da nova geração que começaram a afirmar-se por volta de 1920 (como Virgínia Victorino e Fernanda de Castro). No contexto da voga da poesia de auto-

ria feminina no início dos anos 1920, nem a própria conferência nem a sua ampla cobertura na imprensa seriam factos só por si particularmente notáveis (embora se tratasse, provavelmente, do evento público mais englobante e publicitado, até à data, dedicado à poesia de autoria feminina). Porém, o título escolhido pela conferencista aponta adicionalmente no sentido de uma afirmação coletiva das poetisas como “um grupo literário, dotado de características específicas” (PAZOS ALONSO, 1997, p. 27), ao mesmo tempo acentuando a sua alteridade (“outras”), o que provocou a observação de um dos comentadores da conferência de que “[as] poetisas fazem hoje, em Portugal, um mundo à parte, quase uma seita...” (DIAS-SANCHO, 1923, p. 5).

O texto da conferência não chegou a ser publicado e no arquivo da família Colaço, à guarda da Biblioteca Municipal Tomás Ribeiro em Tondela, não se encontra nenhuma versão manuscrita na pasta dedicada em que Gonta Colaço reuniu os materiais relativos a “Nós outras, as poetisas...”¹² A pasta contém, no entanto, duas listas de nomes, intituladas respetivamente “Cito os nomes de:” (com cerca de 40 autoras nomeadas) e “Recito os versos de:” (com 11 nomes), sugerindo que a conferencista terá improvisado o seu discurso sobre as autoras que referiu, hipótese apoiada por um outro comentário do crítico já citado, sobre

12 Registro o meu agradecimento a dra. Luísa Albuquerque e às demais funcionárias da biblioteca pela disponibilidade generosa com que me acolheram na BMTR.

a conferência ter consistido em “referências a uma intérmina série de senhoras e meninas que publicam versos” (DIAS-SANCHO, 1923, p. 5-6). Sendo evidente que a proximidade cronológica entre o evento protagonizado por Gonta Colaço (e preparado desde 1922) e a explosão da campanha moralizadora na última dezena de fevereiro terá sido uma mera coincidência, pelo menos um observador contemporâneo chegou a relacioná-los de uma maneira que julgo significativa.

Trata-se de um artigo de opinião que apareceu no *Século da Noite* a 19 de fevereiro – no mesmo dia da constituição da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa – e que Branca de Gonta Colaço guardou entre outros recortes da imprensa na pasta dedicada à conferência, reconhecendo desta maneira a sua pertinência (posto que implícita, como veremos) para o registro da iniciativa.¹³ Intitulado “A nossa repugnância” e assinado por um “António Alberto” (nome porventura pseudónimo), o artigo ostenta desde o princípio uma retórica de denúncia militante com ambições censórias:

Cresce o monte dos versos femininos, o que quer dizer que alastra o mal. Não se trata, felizmente, de uma epidemia que exija a intervenção da direção geral da saúde, embora não fosse de todo descabida a existência de uma direção geral de profilaxia moral, que se desse à triste tarefa de lê-los, antes de serem publi-

13 Discuto o mesmo artigo sob uma perspectiva distinta no ensaio “Pessoa(s), poetas e poetisas” (revista *Estranhar Pessoa*, n. 9, out. 2022, p. 113-129).

cados. Mas cresce a onda. E por que motivo só agora eles vieram à supuração, em tão grande quantidade? (ALBERTO, 1923).

Atribuindo a proliferação da poesia de autoria feminina à publicação de “um livro honesto” (não identificado) “que aguçou o apetite de muitas damas”, o autor prossegue a criticar as ditas damas “supostamente intelectuais que até então se contentavam em falar dos versos dos homens, recitando-os ao piano e adulterando-os escandalosamente” (numa farpa relacionável com a conferência de Gonta Colaço) e a caracterizar depreciativamente a produção literária feminina em geral (“uns pobres livros desordenados, vazios de sentido e de ternura, sem profundidade e sem alma”). Mas o que torna o artigo pertinente para o presente contexto é a viragem que opera a meio da sua exposição genericamente misógina:

Sucedem, porém, que já não é só esta poesia banal que vem enchendo as livrarias. Dessa, ao menos, quanto mais não seja, pode resultar o cumprimento daquele preceito do Evangelho[,] *Crescei e multiplicai-vos*, pois que, à força de pedirem que as abracem, alguém aparecerá que lhes faça a vontade, sem sacrifício de maior... Outra pior – pior que a de muitos homens – começa a aparecer por aí, escandalosamente enroupada, em edições caras como as do sr. António Botto, ferindo a nota de uma decadência que diariamente conquista adeptas, medrando a ponto de merecer a atenção das mães de família.

Além de notar que o autor do artigo coloca a poesia de autoria feminina, em geral, ao serviço da heterossexualidade reprodutiva, importa observar a sua alusão transparente ao título de *Decadência* de Judith Teixeira, lançado há poucos dias numa edição de “desusado luxo” (*Diário de Lisboa*, 16 fev. 1923, p. 1). A aproximação entre o livro de Teixeira e *Canções* de Botto leva a crer, aliás, que António Alberto terá sido alguém próximo da Liga estudantil, que, em simultâneo, estava a colocar ambos os livros, juntamente com *Sodoma divinizada*, na lista dos alvos a abater, embora o artigo “A nossa repugnância” não conste de nenhuma das compilações existentes que documentam a campanha moralizadora. Por fim, é digno de nota que o livro de Teixeira estava a ser atacado, em particular, pelo perigo social que a sua “outra” poesia representava junto às jovens portuguesas, suscetíveis à transgressão das normas heteropatriarcais, as quais, conseqüentemente, precisavam de ser defendidas pelas “mães de família” a bem do futuro reprodutivo da nação. Como explora exaustivamente Anna Katharina Schaffner (2012, p. 12, tradução nossa) no seu *Modernism and Perversion*, “na construção discursiva das perversões modernas [...] o pervertido [no caso, a pervertida] é frequentemente construído como um outro absoluto, uma força corrupta e corruptora que ameaça a saúde e prosperidade futuras da comunidade”.

A lista de nomes que Branca de Gonta Colaço compôs em preparação para a conferência não inclui Judith Teixeira, embora não seja possível determinar se o documento preservado no espólio serviu como o roteiro definitivo para “Nós outras, as poetisas...” No entanto, no arquivo da família Colaço encontra-se também um exemplar de *Decadência*, com a dedicatória da autora datada de 10 de fevereiro, cinco dias antes do evento: “À Ex.^{ma} Senhora Branca de Gonta Colaço, ilustre poetisa. Para o seu talento, para a sua inteligência requintada de Mulher superior, com o maior apreço e a maior admiração” (SALGUEIRO; BORGES, 2017, p. 506). Dois meses mais tarde, Teixeira ofereceu também a Gonta Colaço um exemplar do seu livro seguinte, *Castelo de sombras*, com a dedicatória (datada a 17 de maio) muito semelhante à anterior, embora com um tratamento menos formal – “A Branca de Gonta Colaço[,] ilustre poetisa. Ao seu grande espírito de artista e ao seu grande talento, com a maior admiração de Judith Teixeira” – (SALGUEIRO; BORGES, 2017, p. 507), o que poderá eventualmente sugerir que no período interveniente ocorreu uma aproximação entre as duas.¹⁴ Em última análise, o registro histórico atualmente disponível não permite determinar o que terão pensado Branca de Gonta Colaço e o seu circuito de amigas e colaboradoras sobre o “caso” li-

14 A datação da dedicatória desmente a informação de que *Castelo de sombras* terá sido publicado somente em junho de 1923 (TEIXEIRA, 1996, p. 241), correção já efetuada, aliás, por Martim de Gouveia e Sousa com base nas fontes de imprensa (GOUVEIA E SOUSA, 2001, p. 65).

terário e social de Judith Teixeira, mas convém observar, neste contexto, que várias delas viviam já ou chegariam a viver, efetivamente, uma “existência lésbica” (RICH, 2012), destacando-se aqui o casal Virgínia Victorino e Olga de Moraes Sarmiento – ambas muito próximas de Branca e ambas incluídas na conferência – assim como a própria filha da conferencista, a escultora Ana de Gonta Colaço, cujas futuras companheiras, em particular Maria José Praia e Corina Freire, Branca acarinharia com entusiasmo e dedicação. Victorino, aliás, teve também direito a uma farpa no artigo de António Alberto, com a sua condenação dos “pobres livros desordenados [...] onde até os namorados são falsos, como se as suas declarações de amor [...] fossem dirigidas a bonecos de trapos”, numa alusão plausível a *Namorados* (1920), estreia poética de Victorino e o maior êxito de mercado, na época, no setor da poesia feminina, que em março de 1923 ia já na sexta edição (SAMPAIO, 2019, p. 73). Embora a referência aos namorados falsos pudesse ser lida como uma crítica global à poesia de amor formulaica, a sua carga implícita da denúncia das afinidades lesboafetivas de Victorino, em contraste com a linguagem da sua poesia, que em *Namorados* era ainda ocasionalmente dirigida a um objeto de amor abstratamente masculino, não terá passado despercebida à visada e às suas aliadas, como Gonta Colaço.¹⁵

15 Nos dois livros de poesia seguintes que publicou, *Apasionadamente* (1923) e *Renúncia* (1926), Victorino evitou o uso de quaisquer marcos do género gramatical na caracterização *des destinatáries* dos seus versos

Voltando agora à questão do posicionamento de Judith Teixeira no âmbito da campanha moralizadora da Literatura de Sodoma, é possível constatar um tratamento de certa forma diferenciado da parte da imprensa, registado aliás já no valiosíssimo “Scriptorium” da responsabilidade de Maria Jorge, integrado na edição da poesia de Teixeira pela &etc que tirou a autora do esquecimento nos finais do século XX (TEIXEIRA, 1996). No dia 28 de fevereiro, o *Diário de Lisboa* solidarizou-se com a decisão do *Século da Noite* e do *Diário de Notícias* de “defende[r] o silêncio contra a literatura sórdida, seja de que género e sexo for”: “Por muito grande que seja o nosso espírito de tolerância para com todas as expressões e formas literárias, não podemos deixar de confessar que aqueles nossos colegas tomaram uma atitude ajustada” (p. 1). No entanto, já no dia 3 de março, no espaço dedicado a “Livros novos” (p. 3) apareceram no mesmo jornal seis poemas retirados de *Decadência*, juntamente com as duas epígrafes do volume e um retrato da autora.¹⁶ Meros dois dias antes de *A Capital* noticiar a apreensão do livro de Teixeira pela polícia (GON-

de amor, eliminando também, na altura da publicação em livro, algumas dedicatórias a mulheres que aparecem nos mesmos poemas publicados anteriormente na imprensa (KLOBUCKA, 2019). Uma contemplação abrangente do contraste entre a expressão assertivamente transgressiva de Teixeira e a neutralidade calculada de Victorino, no contexto das suas circunstâncias biográficas e das respetivas condições de possibilidade, não poderá caber no âmbito deste artigo. Um esboço de tal justaposição encontra-se em Cascais (2017, p. 96-97).

16 Os poemas, que não incluíam nenhum traço de expressão lesboerótica, eram “Ressurgimento”, “O relógio”, “Ansiedade”, “Ruínas”, “Liberta” e “Última frase”.

ÇALVES, 2014, p. 111), portanto, pelo menos o *Diário de Lisboa* parecia afastar a autora de *Decadência* da associação com a “literatura sórdida” que de resto o jornal entendia por bem silenciar. Esta abordagem diferenciada é confirmada três dias mais tarde, com a notícia sobre a apreensão dos livros a 6 de março, na qual Teixeira é ouvida diretamente; a justificação da entrevista nota os “horizontes largos e janelas abertas para toda a vida” que devem caracterizar o jornalismo, assim como o estatuto privilegiado de Teixeira devido à sua identidade de gênero e classe: “Demais a mais, trata-se duma senhora...” (p. 5). Esta, por sua vez, acentua o equívoco da apreensão do seu livro, imerecedor da reação que provocou: “Bem vê que reputo ridículo, pelo menos, que se apreendam livros como os meus poemas e se deixem correr outros dum realismo brutal” (p. 5).¹⁷

Tal como Pessoa, Botto e Leal estavam a fazer em simultâneo, mas coletivamente, Judith Teixeira empreendeu, entre março e maio de 1923, uma campanha individual em defesa do seu livro e da sua reputação, rematada em maio com o lançamento de *Castelo de sombras*, volume menos arriscado na sua expressão do que *Decadência* e que foi recenseado posi-

17 Um pouco mais tarde, a 22 de março, também n’*A Capital*, um artigo da primeira página assinado por António de Monsanto contrastará *Sodoma divinizada* (“um aborto literário”, na opinião do crítico) com *Decadência*, no qual, “aparte um ou outro incidente profano mais audacioso, sempre estilizado com elevação, emotividade, delicadeza”, Monsanto diz “nada encontr[ar] que possa escandalizar o pretendido pudor dos leitores” (ao mesmo tempo que se recusa a avaliar *Canções* de Botto por desconhecer o livro).

tivamente na imprensa (GOUVEIA E SOUSA, 2001, p. 64-70). No contexto presente merece destaque a entrevista com a autora publicada a 24 de março na *Revista portuguesa*, uma vez que o entrevistador, José Dias-Sancho, era o mesmo crítico já citado que a 9 de junho viria a declarar, também na *Revista portuguesa* e ainda a propósito da conferência que Branca de Gonta Colaço apresentara em fevereiro, que “a quase totalidade da literatura feminina dos últimos tempos não merece as palavras de louvor com que a imprensa a tem saudado” (DIAS-SANCHO, 1923, p. 4). A sua entrevista a Teixeira é, pelo contrário, muito favorável e solidária; Dias-Sancho (1923, p. 17) exprime a sua admiração pela autora e encoraja-a a persistir no seu caminho artístico:

Interessa-me muito a evolução do seu espírito de Artista... Num meio como o nosso, pequeno, mesquinho, cheio de preconceitos, não é fácil criar-se numa alma de mulher esse espírito de liberdade e de independência que é o grande fundo dos seus versos. [...] V., que desenhou bem a sua atitude de Artista, deve continuar imperturbavelmente o seu caminho, que é largo, e deixar as sendas umbrosas às mentalidades incipientes.

Um aspeto interessante da entrevista é a evocação reiterada por Teixeira de artistas a quem admira ou com quem se identifica. Na primeira lista aparecem Verlaine, Debussy, Ravel, Wagner, Eugénio de Castro, o escultor Antoine Bourdelle e Picasso; na segunda, solicitada por uma pergunta do entrevistador (“Do

movimento moderno em Portugal, quais são os Artistas que a sua sensibilidade destaca?”), figuram o pintor Eduardo Viana, o poeta algarvio Cândido Guerreiro, Mário de Sá-Carneiro, Carlos Porfírio, Aquilino Ribeiro e Américo Durão. Deixando de lado a identificação das convergências, conhecidas ou especulativas, entre estas figuras artísticas e literárias e a vida e obra de Teixeira, convém observar que entre os mencionados não aparece um único nome de mulher. Neste sentido, o depoimento contrasta com a conferência “De mim”, de 1926, na qual aparecerão evocadas Valentine de Saint-Point, Marie Bashkirtseff, Renée Vivien e Isadora Duncan, juntamente com o escritor brasileiro Francisco Lagreca (de cuja *Apologia da arte moderna*, lançada em 1923, Teixeira cita excertos extensos), Pierre Louys, Oscar Wilde, Lenine e o escritor francês Henry-Marx. Desta vez será notável a ausência de qualquer nome português, masculino ou feminino: a comunidade modernista dos seus modelos e pares que a autora constrói na conferência – o “nós” que repetidamente enuncia – é assertivamente cosmopolita e, dir-se-ia, mesmo anti ou contranacional pela sua recusa de referir algum ou alguma compatriota, embora a voz da conferencista interpele uma assistência de “minhas senhoras e meus senhores” presumivelmente portuguesa (TEIXEIRA, 2015, p. 281).¹⁸ Este

18 Não existe qualquer indicação de a conferência “De mim” alguma vez ter sido apresentada em público. Não é possível determinar, portanto, se Teixeira compôs o seu manifesto artístico em forma de conferência como uma opção estético-política ou se efetivamente nutria esperanças de a conseguir realizar como um evento.

ato de desidentificação (quase) conclusiva, na fase final de um percurso literário repleto de altos e baixos apesar da sua concisão, configura-se, ao mesmo tempo, como uma linha de fuga e um beco sem saída: um adeus português a que se seguirão, muito em breve, mais de trinta anos de silêncio literário absoluto.

3 EM JEITO DE (IN)CONCLUSÃO

Se, de acordo com o historiador Rui Ramos, as contribuições de Pessoa e Leal à polémica sobre a Literatura de Sodoma eram o que Portugal teve de mais próximo do “movimento de afirmação pública e emancipação dos homossexuais [...] na Alemanha da década de vinte” (RAMOS, 2001, p. 590), já o lugar de Judith Teixeira no cenário cultural e sociopolítico assim configurado será mais difícil de definir. Mesmo na introdução à compilação mais completa e conscienciosa de textos panfletários e artigos de imprensa relativos à polémica, o seu envolvimento na mesma é mencionado apenas de passagem (GONÇALVES, 2014, p. 38), em convergência implícita com a perspectiva dos protagonistas masculinos do escândalo e dos seus aliados, contemporâneos e posteriores. Seria difícil conceitualizar como um coletivo, e muito menos como uma família de eleição dos “irmãos decadentes” da escritora, as vozes dispersas que se pronunciaram em sua defesa em 1923 – José Dias-San-

cho na *Revista portuguesa*, Aquilino Ribeiro no *Diário de Lisboa*¹⁹ – ou outras cuja performance discursiva parece dialogar com a de Teixeira. A este último conjunto pertencerão, mais tarde, alguns colaboradores da revista *Europa* lançada por Teixeira em 1925²⁰ e, ainda em 1923, tais intervenientes como o poeta Afonso Duarte, cuja “Canção do nu”, publicada no número de março da *Contemporânea* (p. 126), é legível como uma interpelação tanto de Botto (dado o título do poema) como de Teixeira. Cláudia Pazos Alonso, no seu estudo introdutório ao volume de *Poesia e prosa* de Teixeira (“Judith Teixeira: um caso modernista insólito”), identifica uma continuidade intertextual entre “Canção do nu” e “Ilusão”, um poema inserido em *Nua* (1926) (TEIXEIRA, 2015, p. 31), mas é possível argumentar também que o jogo de *equivocatio* da identidade de género ensaiado no poema de Duarte alude a algumas configurações poéticas já realizadas em *Decadência*, como a ambiguidade *queer* dos corpos amorosos representados em “Perfis decadentes”. Por último, mas não em último, importa notar o aparecimento dos versos de Teixeira (embora sem a identificação da autora) no romance *La quinta de Palmyra*

19 “A moral no teatro: o que diz o escritor Aquilino Ribeiro”. *Diário de Lisboa*, 20 jul. 1923, p. 4. O propósito da entrevista foi abordar a proibição da peça *Mar alto* de António Ferro, mas Aquilino relacionou esta ação de policiamento moral aos eventos decorridos em março: “Esta censura que apreendeu o livro de sr.ª D. Judit Teixeira, que é uma poetisa de valor, o livro de António Boto que é um dos nossos maiores líricos, que proibiu *Mar alto* é vincadamente odiosa”.

20 Recentemente digitalizados, os três números da revista podem ser acessados no site *Modernismo. Arquivo Virtual da Geração de Orpheu* (<https://modernismo.pt/index.php/europa>).

de Ramón Gómez de la Serna, escritor espanhol então radicado em Portugal, que foi publicado parcialmente em 1923 e na íntegra em 1925, e no qual fragmentos poéticos retirados de *Decadência* desempenham um papel decisivo no episódio de sedução mútua entre duas amigas que se tornam amantes e companheiras (KLOBUCKA, 2013, p. 38-39).

Cem anos depois da irrupção dramática de *Decadência* no cenário literário e cultural português, a reivindicação do protagonismo literário e sociopolítico de Judith Teixeira encontra-se robustamente em curso, tanto no plano da produção acadêmica como na esfera cultural, desde teses universitárias até romances, espetáculos teatrais e realizações diversas no ciberespaço (BARBOSA, 2014, p. 11-13). Ao mesmo tempo, porém, a compreensão mais completa das complexidades da sua inserção nas redes relacionais e nas correntes emancipatórias da época modernista continua a ser dificultada pela escassez da documentação que possa iluminar a atuação e recepção de Teixeira, tanto durante o breve período da sua notoriedade, como antes de 1922 e depois de 1927. Nos resta esperar que, à maneira da revelação do caderno dos inéditos em 2015, outras descobertas nas fontes e arquivos ainda por explorar ajudem a preencher as lacunas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, António. A nossa repugnância. *Século da Noite*, Lisboa, 19 fev. 1923.
- BARBOSA, Sara Marina. Quem tramou Judith Teixeira? (Uma história com fantasmas). *estrema: revista interdisciplinar de humanidades*, Lisboa, n. 4, p. 1-16, 2014. Disponível em: <http://estrema.lettras.ulisboa.pt/ojs/index.php/estrema/article/view/109>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- BARRETO, José. Os destinatários dos panfletos pessoais de 1923. *Pessoa Plural*, Providence, n. 10, p. 628-703, 2016. Disponível em: [https://www.brown.edu/Departments/Portuguese Brazilian Studies/ejph/pessoaplural/Issue10/PDF/I10A23.pdf](https://www.brown.edu/Departments/Portuguese%20Brazilian%20Studies/ejph/pessoaplural/Issue10/PDF/I10A23.pdf). Acesso em: 22 jan. 2023.
- BOTTO, António. *Canções/Songs*. Trad. Fernando Pessoa. Orgs. Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa: Guimarães, 2010.
- CASCAIS, António Fernando. Uma leitura *queer* da conferência *De Mim* de Judith Teixeira. In: SILVA, F. M., RITA, A., DAL FARRA, M. L., VILELA, A. L. e OLIVEIRA, A. M. (org.). *Judith Teixeira: ensaios críticos*. No centenário do Modernismo. Viseu: Edições Esgotadas, 2017. p. 85-115.
- CUROPOS, Fernando. *Lisbonne 1919-1939: des Années presque Folles*. Paris: L'Harmattan, 2019.
- DIAS-SANCHO, José. Elas, as poetisas. *Revista Portuguesa Literária*, Lisboa, n. 13, p. 3-6, 9 jun. 1923.
- dias-sancho, José. Judith Teixeira fala-nos da sua Arte e das suas intenções. *Revista Portuguesa Literária*, Lisboa, n. 3, p. 16-18, 24 mar. 1923.
- GONÇALVES, Zetho Cunha (org.). *Notícia do maior escândalo erótico-social do século XX em Portugal*. Lisboa: Letra Livre, 2014.
- GOUVEIA E SOUSA, Martim Lourenço Ramos de. *Judith Teixeira: Originalidade poética e descaso literário na década de vinte*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Depar-

tamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2001.

KLOBUCKA, Anna M. Entre mulheres: Virgínia Victorino e a poesia “feminina” portuguesa na década de 1920. *In*: LOUSADA, I.; SAMPAIO, J. P. (org.). *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL VIRGÍNIA VICTORINO: NA CENA DO TEMPO. *Anais* [...]. Alcobça: ADEPA, 2019. p. 211-236.

KLOBUCKA, Anna M. Palmyra’s Secret Garden: Iberian (Dis)Connections, Portuguese Modernism, and the Lesbian Subject. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v. 50, n. 2, p. 31-52, 2013.

KLOBUCKA, Anna M. Pessoa arquiteto da Literatura de Sodoma: uma revisitação. *In*: Congresso Internacional Fernando Pessoa, 2017, Lisboa. *Anais* [...]. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 2017. p. 68-76.

LUGARINHO, Mário César. “Literatura de Sodoma”: o cânone literário e a identidade homossexual. *Gragoatá*, Niterói, n. 14, p. 133-145, 2003.

MARQUES, Ricardo. Contemporânea. *Modern!smo*. Arquivo virtual da geração de Orpheu, Lisboa. Disponível em <https://modernismo.pt/index.php/contemporanea>. Acesso em: 2 jan. 2023.

MONCÓVIO, Susana Simões. Luise Ey (1854-1936): aspetos biográficos de uma divulgadora de Eça de Queirós na Alemanha. *Revista de Portugal*, Lisboa, n. 14, p. 7-22, 2017.

MONTALVOR, Luís de. Tentativa de um ensaio sobre a Decadência. *Centauro*, Lisboa, p. 7-12, 1982. Edição fac-similada.

Pazos Alonso, Cláudia. *Imagens do Eu na Poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: IN-CM, 1996.

PAZOS ALONSO, Cláudia. Modernist Differences: Judith Teixeira and Florbela Espanca. *In*: DIX, S.; PIZARRO, J. (org.). *Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*. London: Legenda, 2011. p. 122-134.

PESSOA, Fernando. *Correspondência 1923-1935*. Ed. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

RAMOS, Rui. *A Segunda Fundação (1890-1926). História de Portugal*. Dir. José Mattoso. Ed. Rev. E atual. Lisboa: Estampa, 2001. v. 6.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Trad. Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2012. salgueiro, Anabela de Campos; borges, Inês da Conceição do Carmo. *Estrada da Luz*. Obra poética e iconográfica de Branca de Gonta Colaço. Coimbra: Pallimage, 2017.

SAMPAIO, Jorge Pereira de. *Virgínia victorino*. Vida e obra. Alcobaça: ADEPA, 2019.

SCHAFFNER, Anna Katharina. *Modernism and Perversion: Sexual Deviance in Sexology and Literature, 1850-1930*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. Lisboa: &etc, 1996.

TEIXEIRA, Judith. *Poesia e prosa*. Lisboa: Dom Quixote, 2015.

ZENITH, Richard. *Pessoa: A Biography*. New York: Liveright, 2021.